

O QUE LÊ UM ÁCARO?

À procura de uma estética do quotidiano

Fernando Floriani Petry

*Há sempre um tempo no tempo em que o corpo do
homem apodrece
E sua alma cansada, penada, se afunda no chão
E o bruxo do luxo baixado o capucho chorando num
nicho capacho do lixo
Caprichos não mais voltarão
Já houve um tempo em que o tempo parou de
passar
E um tal de homo sapiens não soube disso
aproveitar
Chorando, sorrindo, falando em calar
Pensando em pensar quando o tempo parar de
passar
Mas se entre lágrimas você se achar e pensar que
está
A chorar; este era o tempo em que o tempo é!¹*

Há sempre um tempo no tempo em que a *modernidade* apodrece e seus *paradoxos* cansados, penados, se afundam no chão. E o *tempo* do luxo baixado o capucho chorando num nicho capacho do lixo de *futuros* que não mais voltarão. Pois já houve um tempo em que o tempo parou de passar, e um tal de homo sapiens não soube disso aproveitar, *gozando*, sorrindo, falando *sem parar*, pensando em pensar *somente* quando o tempo parar de passar...

A precária paródia *non sense*, criada por esse que vos fala, da alucinada – e alucinante – interpretação dOs Mutantes pode resumir a atual e inenarrável condição do *homo sapiens*. Dentre os mais alarmistas, o estado é de pânico; e dentre os mais confiantes, é de uma euforia imbecilizante. O discurso dos primeiros é o da ecologia, do desenvolvimento sustentável, da

¹ Os Mutantes, *Tempo no tempo*. Composição de J. Philips, 1968.

preservação de um ambiente já completamente maculado. A euforia dos segundos é a crença de que a técnica e a ciência são plenamente capazes de resolver (?) todos os problemas e necessidades – a grandíssima maioria por elas criados – para a manutenção da espécie humana sobre a crosta terrestre. E tudo isso, naturalmente, para ontem. Até porque, para ambos os grupos, o amanhã não há mais.

Diante deste imbróglio, o ministério da cultura brasileiro² promoveu diversos debates em cinco grandes capitais do país, discutindo, dentre tanto temas, o pós-humano, nomeando-o de “Mutações – novas configurações do mundo”. Aproveitando o fervoroso debate surgido acerca das novas disposições mundiais, de um futuro incerto que nos aguarda, e até mesmo da incerteza de haver esse tal futuro, a revista *Caros Amigos* organizou uma edição especial, sob o título *Pós-humano – o desconcertante mundo novo*, apresentando textos de ambos os grupos anteriormente citados. Roberto Manera, o coordenador da revista, por exemplo, faz parte do grupo apocalíptico como bem demonstra seu texto *Máquinas como nós?*. Representando o segundo grupo, defendendo piamente a técnica e a necessidade de extremo desenvolvimento tecnológico, a Dr. Maria Cristina Batoni Abdalla, professora da UNESP e umas das poucas brasileiras a estagiar no CERN – Centro Europeu para a Pesquisa Nuclear, em seu texto: *De volta ao início – O maior acelerador de partículas já construído ensaia o Big Bang*.

A posição contraditória da revista é extremamente peculiar, passando a sensação de não haver um caminho a ser seguido dentro das diversas e confusas opiniões sobre o futuro da técnica e as técnicas do futuro perpassadas pelos textos de diferentes especialistas. O bachinche que a revista causa ao leitor dá-se sempre nas posições contraditórias dos membros de cada grupo. Os alarmistas de um lado, com seus pós, trans, dê, não e os tecnocratas de outro, com suas crenças irremediáveis no progresso e no futuro.

A *Caros Amigos* Especial servirá, portanto, como ponto de partida para a análise de tais posições, seus efeitos e o que nos levou a essas duas posturas intelectuais conflitantes. Pois há duas questões que permeiam constantemente todas as discussões – quando existem – sobre o que esse tal

² Em letras minúsculas mesmo...

de *homo sapiens* fez e faz, crê e desacredita, e, principalmente, pensa e não-pensa, mas não necessariamente nessas rijas dicotomias³.

A euforia ainda reinante é a crença absurda e cega na técnica, na capacidade da, como define Roberto Manera, ciência dura⁴ de “salvar o mundo” tal qual mocinho hollywoodiano em seus filmes de ação pré-definida. Do advento da técnica, e da crença nela depositada insanamente, faz-se a primeira das duas questões imbricadas na atual condição humana.

Diversas são as discussões acerca da atual situação da humanidade, Hannah Arendt, por exemplo, publicou, em 1958, um livro intitulado *A Condição Humana*; Adorno e Horkheimer, o *Dialética do Esclarecimento*, Walter Benjamin, seus ensaios... E tais debates existem há tanto tempo que o atual já se perdeu em seus sentidos. Pois, o atual é o que nos leva à segunda grande questão nas dicotomias “multitômicas” anteriormente apresentadas: o tempo, e, principalmente, o não-tempo⁵.

O uso e a crença insanos na técnica e a nova configuração do que se entende e percebe por tempo possuem uma posição incômoda dentro da tentativa de definir-se e conceituar-se o que é a crise ou a falência do projeto humano. O fim da modernidade talvez seja o momento mais fatídico e de maior repercussão na história ocidental por abrir um futuro sem precedentes – portanto, um futuro sem passado – e ainda mais um presente sem futuro. O estado atual dentro de uma proposta de *pensar em pensar antes que o tempo pare de passar* é apocalíptico: o fim da modernidade, o colapso, a ruína do último grande projeto estético humano gerou um vácuo, um abismo chocante dentro de uma sociedade na qual nada mais choca e cujos valores regem somente as individualizações, e não as singularidades.

³ Apesar de todo o pensamento comumente estar estruturado em dicotomias como bem, mal; céu, inferno; homem, máquina; um dos desafios do século XXI, como bem aponta Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o novo milênio*, é a multiplicidade. É conseguir manejar e gerir fronteiras cada vez mais confusas e entrelaçadas. Portanto, ao montar estruturas duais, pretendo, em verdade, eleger dois exemplos radicais e opostos dentro da miscelânea de posturas e opiniões.

⁴ “Ciência dura – a que se limita à corrida tecnológica como se ela fosse, simplesmente, inevitável, imune ao próprio desejo das criaturas naturais e despida de crenças religiosas, alinhamentos políticos e do que convencionalmente chamamos de ‘sentimentos’...” MANERA, Roberto. *Máquinas como nós?* In *Especial Caros Amigos – Pós-Humano*, o desconcertante mundo novo, p.5.

⁵ Somente os prefixos de qualquer conceituação atual já mereceriam um estudo elaborado... Pós, dê, trans, anti, não. São tantas as tentativas de reelaborar o conhecido para explicar o desconhecido que mais confundem que auxiliam. E essas tentativas frustradas também possuem uma imbricação com as questões apresentadas.

O questionamento natural seria acerca do pós-moderno, movimento que assumiu o carro chefe das artes e estéticas após o declínio do projeto moderno. Porém, *a própria formação do termo levanta uma dificuldade lógica imediata. Se o moderno é o atual e o presente, o que significaria o prefixo pós? [...] Como é possível falar de um tempo depois do tempo?*⁶. E o que configuraria o cerne do movimento, se a tradição moderna é a de ruptura? Compagnon ainda relembra do uso do termo *pós-moderno* nos anos 60, por críticos americanos como Irving Houwe, no *The Decline of the new*. Tais críticos surgiram como defensores da modernidade contra um novo anti-intelectualismo criado pela sociedade capitalística⁷ e pós-industrial, dominado pela mídia e simbolizando o fim das ideologias. *Nesse sentido, sociológico antes de se tornar estético, o pós-modernismo é a ideologia, ou a não-ideologia, da sociedade de consumo*⁸.

O vácuo, portanto, deixado pelo declínio do projeto moderno fora rapidamente ocupado pela produção em massa, pela não-ideologia da sociedade do consumo e do domínio da técnica – o que, para alguns, é exatamente o pós-moderno: a sociedade de indivíduos nunca singulares⁹. O desenvolvimento e a dominação da técnica – sempre padronizante – resultaram em uma nova configuração de tempo, como bem percebe Olgária Matos, em entrevista a Caros Amigos Especial:

como era a sobrevivência na Idade Média? Era, sobretudo no campo, então se tinha que seguir as estações do ano, as colheitas, a plantação [...], era um tempo qualitativo, porque se seguia aquilo que era da natureza das coisas. Por exemplo, trabalhar antes do nascer do sol ou depois era considerado imoral, pecado, porque desafiava a

⁶ Compagnon, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*, 1996, p. 103.

⁷ Adotando a mesma terminologia que Guattari propõe em seu livro *Micropolítica – cartografias do desejo* e com a mesma motivação.

⁸ Compagnon, Antoine. P. 104.

⁹ Guattari, em seu livro *Micropolítica – Cartografias do desejo*, organizado por Suely Rolnik, apresenta um ensaio intitulado *Cultura de massa e singularidade*, no qual o autor analisa a produção de subjetividade capitalística, de uma produção individual e não singular. E, a meu ver, o que diferencia tais conceituações é a experiência, a capacidade de produção subjetiva da experiência que constitui o indivíduo singular e sua memória.

ordem da criação. Com o advento da luz elétrica, no séc. XIX, o dia passou a ter 24 horas, o trabalho noturno entrou com uma voracidade de consumir todas as forças do homem, até o fim – isso foi o capitalismo do séc. XIX, e está voltando. [...] Hoje não temos mais a idéia de tempo livre, já é preenchido de coisas, então se tem um tempo inteiramente espacializado, não mais qualitativo, ele não diz respeito a propriedades representativas de um acontecimento, de uma pessoa, ou de um desejo. (p. 14)

E essa é a forma mais perversa, segundo Marx, de alienação. A do tempo, de um tempo vazio, sem sentido, sem memória e sem experiências, de um tempo preenchido pela técnica, por coisas, por produtos massificados de uma cultura de massas que produz indivíduos, porém, indivíduos de massa, nunca singulares que constitui a nova configuração da percepção de tempo. São horas, dias, meses, anos que definem o tempo, e não mais a experiência que se vivenciou durante tal percurso. E o fim das experiências, já preconizado por Benjamin em *O narrador*, resulta no fim da memória.

Paolo Virno, ao tratar, em seu livro *El recuerdo del presente*, do fim da história – onde se pode ler o fim da modernidade – questiona quais são as condições que tornam históricas as nossas experiências. E a saída encontrada pelo filósofo italiano é através dos conceitos de potência e ato, e da faculdade mnemônica. O fim da história é o fim dos tempos compreendidos através da falta de perspectivas futuras, de possíveis experiências novas a vir – e se se fala em possíveis experiências futuras se fala em potência, em manutenção e atualização de potências em um tempo que não o *ahora*. E em movimentos anacrônicos de “reciclagem” de potências do *no-ya*.

Ou seja, o fim dos tempos é o fim da história, por surgir do declínio da potência experiência e, portanto, da memória. A própria experiência seria o mecanismo de singularização do indivíduo dentro da sociedade de massa. Reunindo todo o balaio de gato, a condição humana atual é a do indivíduo massificado em seu constante cotidiano. Essencialmente, não há nada de novo, todos os dias são iguais, e não há mais porque haver um futuro.

Somente há a pulsão do novo, e não mais o novo, afinal, *como você vai consumir se tudo é a eterna volta do mesmo? A não ser produzindo pequenas diferenças de objeto para objeto que não querem dizer absolutamente nada, mas criam a ilusão de individualidade*¹⁰. Não há mais o saber fazer – potência – há somente o saber consumir, absorver, o saber viver um dia atrás do outro, na sucessão insana do tempo, esse bruxo do luxo baixado o capucho chorando num nicho capacho do lixo por tempos que não mais voltarão. O tempo é o homem apodrecendo que se debruça sobre si mesmo ao contemplar a sua própria descontinuidade. O tempo é presente. O passado fica na memória que já se perdeu e o futuro a cargo da experiência que já não mais é possível. Resta, presente. Quotidiano.

Surgiria então o questionamento: haveria sentido falar de uma estética do cotidiano? Em Ferreira Gullar e suas maçãs apodrecendo no centro da mesa, ou em Manoel de Barros, e suas artes de renovar os homens, ou no exemplo mais atual e preciso, na Revista Ácaro?

A revista Ácaro surgiu em 01 de outubro de 2002, possuindo somente três números publicados com o patrocínio da gráfica Takano e a distribuição de uma editora – com excelentes publicações – que não muito lhe auxilia¹¹... O projeto gráfico fora elaborado pela tríade Daniel Trench, Rita Aguiar e Manu Maltez, a coordenação coube a Paulo Werneck e Chico Mattoso, e a edição de poesia ficou com os já experientes Alexandre Barbosa de Souza e Fabrício Corsaletti.

De ousado projeto gráfico, a revista Ácaro brinda seus leitores com o formato de LP, do antigo e quase extinto vinil. *A edição parece um álbum triplo, como os do festival Woodstock ou "Sandinista!", da banda inglesa The Clash. O formato editorial tem uma diversidade que a faz parecer uma grande vitrine literária. Reúne trabalhos de ficção, poesia, reportagem, artigo e artes diversas,* observa Gonçalo Junior, em resenha intitulada *Revista Ácaro une alternativo e*

¹⁰ Matos, Olgária. Entrevista cedida a Edição Especial de Caros Amigos, p. 14.

¹¹ Falo isso por tentar comprar um exemplar do terceiro número da revista diversas vezes através da editora, seja por internet, seja por telefone, que não se mostra muito disposta a vendê-los... Talvez o grande projeto da Revista seja mesmo alimentar os ácaros e traças no depósito da editora.

profissionalismo, para o jornal Gazeta Mercantil, de 29 de novembro de 2002, após o lançamento do primeiro número – literatura e outras milongas.

Gonçalo Junior cita Werneck para explicitar a relação da nova revista com os novos autores: *Gostaríamos de garantir a pluralidade de visões de mundo, sem fechar o foco em determinada escola literária, estilo ou turma. Não há exigência, portanto, que o autor seja inédito ou que faça parte "da nova geração"*¹². Junior ainda explica que Ácaro surgiu em paródia ao nome Ícaro, revista de bordo da empresa de aviação Varig, por falta de um nome melhor. Werneck e Mattoso queriam criar uma revista de bordo “popular” – entre aspas, sabendo-se lá o que significa popular entre aspas... – e aproveitar a metáfora do epíteto a fim de representar a vida miúda; afinal, segundo Werneck, *ao falar de literatura, as pessoas pensam nas grandes esferas da cultura, nas obras monumentais, em grandes eixos teóricos, e se esquecem que tudo isso está principalmente no cotidiano, que é minúsculo, comezinho*¹³. Por isso mesmo, toda a prosa da revista enfoca o cotidiano, enfoca situações normais, e nos dá o suporte para discutir a possibilidade de extrair uma estética do cotidiano das páginas carcomidas de Ácaro.

Para tanto, pode-se agrupar os textos que a revista veicula em dois grandes grupos, prosa e poesia – como se toda a literatura universal já não fosse assim dividida...¹⁴. Porém, em Ácaro, a divisão é explícita, necessária, e, por que não?, proposital.

A falência do projeto moderno, a ruína do tempo, a *presentificação* do futuro aprofundam suas marcas quando lemos a revista. Os textos em prosa que por ela circulam são textos vazios, apresentando fatos quotidianos, do filme visto, da vez que fora à Xuxa, corroborando e atribuindo um sentido ao falar-se de uma estética do cotidiano. Com o fim da experiência, a Revista Ácaro não consegue mais estruturar e veicular o narrador benjaminiano, o narrador experiente. O leitor de Ácaro fica sempre com a sensação que a revista é de bordo, é para passar o tempo pensando em pensar *somente* quando o tempo parar de passar. *Esse filme*, de Mattoso, ou *Perfume*, de

¹² Werneck, Paulo. *Apud* Junior, Gonçalo. *Revista Ácaro une alternativo e profissionalismo*. In Gazeta Mercantil, de 11 de novembro de 2002.

¹³ *Idem*.

¹⁴ De novo eu às voltas com as dicotomias... Estruturar dois grupos para análise em prosa e poesia, ao menos, é visível dentro da própria revista, estando o segundo grupo destacado em seção, papel e graficamente do primeiro.

Werneck nutrem a sensação de que não há futuro, não uma preocupação nem sequer um olhar para o futuro. A estética é narrar *o diabo inconstitucional*, o filme visto, a professora *um pouco gorda*, ou mesmo *as reflexões do senhor Ótimo*.

A gratuidade de alguns textos corrobora com a visão apocalíptica de que, ao selecioná-los, os editores favoreceram uma postura de descrédito ao tempo, à experiência, senão à experiência do riso, do cotidiano, do indivíduo. Porém, creio não ser possível falar-se em experiência do indivíduo, uma vez que o indivíduo dentro de uma sociedade massificada, dentro de um eterno presente, não conseguiria produzir experiências, justamente por serem estas um mecanismo de singularização. Em *flexibilidade*¹⁵, de Antonio Prado, por exemplo, a situação anacrônica de um mágico patético que descobre que a produção em massa e a não-ideologia dos mercados já lhe superaram há tempos, e que ele, como qualquer indivíduo, nada mais vale. A própria experiência de singularização que possuía de ser mágico e duplicar pregos pelas mãos já fora completamente esvaziada por uma simples máquina com uma produtividade no mínimo cem vezes maior.

Exposto a uma situação de humilhação perante a máquina, ao herói mágico nada resta senão submeter-se à massificação, a não-ideologia e crer não crendo, que, quem sabe, quando o tempo parar de passar, quando, quando, ele poderá descobrir uma nova experiência, um novo jeito de ser singular e recuperar seu lugar de prestígio... *Nunca se sabe, né, Doutor...*

As reflexões do Senhor Ótimo são outro exemplo de gratuidade, de esvaziamento da experiência e de nenhuma tentativa de inovação, senão de satirização de situações quotidianas comuns, corriqueiras e indiferentes, ou seja, completamente esvaziadas de sentido. Até mesmo a narrativa do violentamento de uma mulher é esvaziada de sentido, de peso e vira graça, riso, como no pequeno conto *Stand by me*, presente na Ácaro número dois – literatura e outras mumunhas. Porém, vale pontuar que o que entendo por esvaziamento de sentido é o esvaziamento da experiência, de algo a ser transmitido, não necessariamente uma moral, mas uma potência. E não necessariamente um julgamento de valor negativo.

¹⁵ Ácaro número 1, p. 16.

O esvaziamento de sentido e de experiência encontrados na *Ácaro* dão-se na ausência da transmissão de uma potencialidade. Todos os fatos narrados pelos textos são atos, impossíveis de serem estruturados em uma potência, em um aprendizado do poder fazer e de serem reatualizados, a não ser por mecanismos de anacronismo real, a não ser copiando o ato.

E a(o)final, a poesia?

Uma análise profunda das estéticas que a revista veicula demandaria maior espaço, maior entrega e diversos outros conhecimentos. Afinal, o projeto gráfico mostra-se ousado e qualificado – profissional; porém, os textos de prosa surgem em seu aspecto de fanzine, de uma luta dos autores por espaço – alternativo. Ou seja, são diversas as artes e as propostas da revista.

Mas, afinal, e a poesia? Se a prosa sugere uma estética do cotidiano, vazia de experiências, à procura da formação de um novo narrador, que não o benjaminiano, que papel exerce a poesia que a revista elege? Nas figuras de Alexandre Barbosa e Fabrício Corsaletti, já mais calejados nas artes literárias – afinal, Barbosa, agora na Cosac & Naify, participara da *Azougue*, da *Meia de Seda* antes de assumir a editoria de poesia da *Ácaro*, com Corsaletti, autor de vários¹⁶ livros e já eleito como poeta por outras revistas como *Oroboro*, *Medusa*.

E se anteriormente a prosa serviu para fundamentar a tentativa de estruturar a estética aqui proposta, a poesia na revista serve para limitar tal estética à prosa – a própria definição apresentada pelo dicionário Houaiss corrobora com a ligação entre prosa e cotidiano, ao definir como sendo algo material, cotidiano, sem poesia – ou serviria como um porto seguro para a revista assumir-se como literária?

O trabalho de Barbosa e Corsaletti, apresentando um cânone variado, composto desde um poema inédito de Octavio Paz, passando por Apollinaire, Nicanor Parra, Eliseo Diego, E. E. Cummings, Sacha Tchorny, além dos novos – não tão novos assim – como Sérgio Alcides, Heitor Ferraz e o próprio Alexandre, já conhecidos de outras revistas literárias como a *Azougue*, a

¹⁶ E por vários se entende mais de três...

Inimigo Rumor, demonstra um maior academicismo, ou uma ligação forte com um cânone já estabelecido.

Por ventura, a poesia na *Ácaro* pode ser lida como um resíduo, ou até mesmo um resgate de uma literatura temporal, potencial; uma última gofrada de um narrador a relatar uma experiência. A experiência da subjetividade. E a experiência da singularidade. Ou como uma tentativa de firmar-se como literária perante um saber mais acadêmico, ao trazer a explícita divisão de quatro páginas para poesia “nova” e quatro para poemas traduzidos, além de apresentar também a versão original ao lado. Afinal, que bordo “popular” a revista procura atingir publicando poemas em espanhol, francês, inglês...

Portanto, a poesia que surge na *Ácaro* pode ser lida como uma tentativa de equilibrar uma proposta popular com o elitismo que consumiria a revista. Até porque com o preço de capa de quinze ou vinte reais o popular entre aspas ganha novos e restritos sentidos.

Assim, a poesia acarina surge como uma tentativa de singularização da própria revista, para que não lhe reste o limbo de ser apenas mais um fanzine, ou apenas mais uma revista. Porém, a alternativa mais retumbante ao se pensar a poesia é a procura de valorização própria. A *Ácaro*, através de sua poesia, garante sua experiência, e procura seu lugar no arquivo de revistas literárias, por ser singular. A fim de ser algo que esse tal de *homo sapiens* saiba e possa aproveitar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

JUNIOR, Gonçalo. *Revista Ácaro une alternativo e profissionalismo*. In *Gazeta Mercantil*, de 11 de novembro de 2002.

MUTANTES, Os. *Tempo no tempo*. Faixa 10 do cd *Mutantes*, Polydor, 1968.

Revista Ácaro. Literatura e outras Milongas. Número um. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

Revista Ácaro. Literatura e outras mumunhas. Número dois. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

Revista Caros Amigos: *Especial Pós-humano: o desconcertante mundo novo*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2007.

VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente: ensayo sobre el tiempo histórico*. Buenos Aires: Paidós, 2003.